

A Extensão universitária e a esperança equilibrista em tempos distópicos

Leandro Rodrigues Alves Diniz
Editor-chefe da Revista Interfaces
leandroradiniz@gmail.com

No momento de finalização desta nova edição da revista Interfaces, chora a nossa Pátria mãe gentil mais de 185.000 mortes por Covid-19, aí excluídos os casos de subnotificação. Marias e Clarisses choram, além de Aldir Blanc – que, juntamente com João Bosco, compôs o Hino da Anistia evocado neste editorial –, tantas outras figuras nacionais, e também ninguéns: aqueles e aquelas que, como diria Galeano, “não são seres humanos, são recursos humanos”¹ – e que, como tais, são celeremente substituídos/as num Brasil que não pode parar. Enquanto a vida de tanta (não) gente parte num rabo de foguete de pesada maquinaria necropolítica², que leva mais uns do que outros, uma parcela do Brasil, segundo país com mais óbitos por Covid-19 no mundo, continua disseminando a desinformação e desprezando os avanços científicos para conter a pandemia. “Todos nós iremos morrer um dia”, vociferou o capitão-mor do negacionismo no Brasil.

Neste período em que a tarde, novamente, cai feito um viaduto, o autoritarismo, a ignorância e o vilipêndio ao outro mostram sua cara orgulhosa e acintosamente, aprofundando a desigualdade social, tolhendo nossas liberdades, “passando a boiada” na agenda de depredação do meio ambiente e corroendo nossa democracia. Em tempos tão distópicos, que caminhos as Instituições de Ensino Superior públicas brasileiras têm trilhado para conter a barbárie? A despeito dos diferentes golpes que lhes têm sido desferidos nos últimos anos, tais instituições, patrimônio do povo brasileiro, continuam resistindo, não se furtando à sua responsabilidade de contribuir para a construção de um país equânime, democrático e plural.

Nesse sentido, a Extensão – em sua articulação indissociável com o Ensino e a Pesquisa – tem cumprido um papel ímpar na transformação da sociedade e do próprio Ensino Superior, a partir de um olhar cada vez mais sensível para nossas múltiplas realidades. Fortalecendo o diálogo horizontal e contínuo com outros setores da sociedade, esse elemento do tripé da universidade pública brasileira soma-se, portanto, a outros para compor nossa esperança. Como diriam Bosco e Blanc, “[...] uma dor assim pungente / Não há de ser inutilmente / A esperança / Dança na corda bamba de sombrinha / E em cada passo dessa linha / Pode se machucar”. É inegável, a esperança tem, sim, se machucado em

¹ GALEANO, E. *El libro de los abrazos*. Madrid: Siglo XXI, 1993.

² MBEMBE, A. *Necropolítica*. Arte e ensaios, UFRJ, n. 32, 2016, p. 122-151. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 19 dez. 2020.

uma corda demasiado bamba. "Azar"! Equilibrista que é, "Sabe que o show de todo artista / Tem que continuar".

Que os textos desta nova edição da Revista Interfaces possibilitem a você, leitor/a, conhecer um pouco mais desse show, do qual os sujeitos extensionistas participam com crescente afinco. E, ao mesmo tempo, que despertem ou fortaleçam seu desejo de estar junto a outros Carlitos. Porque o show continua e continuará, descortinando um novo Brasil.